




V. 07, N.13 Jan./Jun. 2023

**ITINERÁRIO FORMATIVO DE PAULO FREIRE: RUMO AO ATO
PEDAGÓGICO COMO AÇÃO DIALÓGICA**


***PAULO FREIRE'S TRAINING ITINERARY: TOWARDS THE
PEDAGOGICAL ACT AS A DIALOGICAL ACTION***

***EL ITINERARIO DE FORMACIÓN DE PAULO FREIRE: HACIA EL ACTO
PEDAGÓGICO COMO ACCIÓN DIALÓGICA***


Ademar Alves dos Santos

 <https://orcid.org/0000-0002-1552-235X>


Bruno Oliveira Santos

 <https://orcid.org/0000-0002-1898-8630>


Wagner Antonio Junior

 <https://orcid.org/0000-0003-3930-3052>


Vinicius Guiraldelli Barbosa

 <https://orcid.org/0000-0001-9672-377X>


Vanuza Rodrigues Lopes

 <https://orcid.org/0000-0002-7441-3831>

Elizabeth Orofino Lucio

 <https://orcid.org/0000-0002-3446-5530>

Luciana da Silva de Araújo

 <https://orcid.org/0000-0001-9186-1516>



Resumo: O presente artigo é resultado de uma pesquisa mais ampla, realizada nos estudos dos autores, entre os anos de 2012 e 2013. Advém de um estudo qualitativo, de natureza básica: quanto aos objetivos, exploratória, e quanto aos procedimentos, bibliográfica. Objetiva apresentar o itinerário formativo de Paulo Freire e sua concepção de ato educativo, como ação especificamente dialógica. Utilizou-se, como corpus de estudo, a produção acadêmico-científica publicizada na plataforma Capes, nos repositórios das bibliotecas das instituições de ensino superior públicas e nos periódicos cadastrados no Scielo. Os resultados apontam para uma compreensão complexa do ato educativo em Freire e a resignificação de seu itinerário formativo, frente aos seus estudos e ao seu legado. Em termos de conclusão, aponta-se, especialmente, a necessidade de uma revisão sistemática daquilo que se vem produzindo sobre Freire, a partir da dimensão epistemológica de seu pensamento, com foco na prática educativa.

Palavras-chave: Paulo Freire. Itinerário Formativo. Ato Pedagógico. Dialogia.

Abstract: This article is the result of a broader research, carried out in the authors' studies, between the years 2012 and 2013. It comes from a qualitative study, of a basic nature: in terms of objectives, exploratory, and in terms of procedures, bibliographic. It aims to present Paulo Freire's formative itinerary and his conception of an educational act, as a specifically dialogic action. The academic-scientific production published on the Capes platform, in the repositories of the libraries of public higher education institutions and in journals registered in Scielo, was used as the study corpus. The results point to a complex understanding of the educational act in Freire and the resignification of his formative itinerary, in view of his studies and his legacy. In terms of conclusion, the need is especially pointed out for a systematic review of what has been produced about Freire, from the epistemological dimension of his thought, with a focus on educational practice.

Keywords: Paulo Freire. Formative Itinerary. Pedagogical Act. Dialogy.

Resumen: Este artículo es el resultado de una investigación más amplia, realizada en los estudios de los autores, entre los años 2012 y 2013. Proviene de un estudio cualitativo, de carácter básico: en cuanto a objetivos, exploratorio, y en cuanto a procedimientos, bibliográfico. Tiene como objetivo presentar el itinerario formativo de Paulo Freire y su concepción de un acto educativo, como una acción especificamente dialógica. Se utilizó como corpus de estudio la producción acadêmico-científica publicada en la plataforma Capes, en los repositórios de las bibliotecas de las instituciones de educación superior públicas y en revistas registradas en Scielo. Los resultados apuntan para una comprensión compleja del acto educativo en Freire y la resignificación de su itinerário formativo, frente a sus estudios y su legado. A modo de conclusión, se señala especialmente la necesidad de una revisión sistemática de lo producido sobre Freire, desde la dimensión epistemológica de su pensamiento, con foco en la práctica educativa.

Palabras-clave: Paulo Freire. Itinerario Formativo. Acto Pedagógico. Dialogía.



INTRODUÇÃO

A epistemologia do pensamento freiriano apresenta especificidade que o projeta como um dos mais férteis pensadores da modernidade, cujas obras permanecem sendo lidas e interpretadas por pesquisadores e acadêmicos das mais variadas áreas do conhecimento humano.

Uma dessas especificidades mais importantes das obras de Paulo Freire situa-se na sua visão antropológica do conhecimento, uma categoria essencial que está presente em todo o pensamento existencialista e dialógico desse pensador.

Temas centrais, como ato pedagógico, dialogicidade, problematização do ensino, democratização da escola, leitura do mundo e leitura da palavra, consciência crítica, conhecimento, educação humanista, libertadora e planetária, dentre outros que sempre nos levam à reflexão, numa dinamicidade dialético-dialógica que mantém tal pensamento vivo e em permanente reconstrução, perpassam o presente artigo.

O ATO PEDAGÓGICO DIALÓGICO A PARTIR DA VIDA: O BERÇO DE ORIGEM

As experiências vividas por Freire foram determinantes na elaboração das suas teorias. Nasceram na realidade concreta e a elas voltaram, crítica e comprometidamente. Freire afirmava constantemente que seus escritos estavam impregnados de suas vivências no Recife, sua cidade natal, onde descobriu sua *paixão* pela educação, onde exercitou o diálogo e construiu o respeito à cultura e saber populares.

Os anos 50 e início da década de 1960 foram os mais fecundos na formação e atuação de Freire no Brasil, que buscava sua redemocratização política, com especial destaque para Pernambuco e sua capital Recife, lugar onde Freire nasceu e viveu até ser forçado ao exílio em 1964.

Freire, então, foi agregando múltiplas e ricas experiências e se constituindo como intelectual em busca do diálogo, caracterizando seu fazer como um fazer com o outro e não para o outro. Seus amigos afirmam que essa sua prática inovadora e diferenciada de dialogar existiu desde suas militâncias na paróquia de Casa Amarela, junto ao Círculo de Pais e Professores, na Escola de Serviço Social de Pernambuco, SESI, no Serviço de Extensão da Universidade do Recife. Freire assinalou, em diversos momentos, o papel



fundante que a experiência de dez anos no SESI teve na sua inquietação, questionamentos, ensaios para encontrar respostas e sentidos, escuta e dialogicidade.

Na cidade do Recife é que Freire desenvolveu seu pensamento sócio-político-educacional, que alcançou a condição de um inovador no campo pedagógico, um crítico profundo de todo processo de desumanização, exploração e opressão, um educador capaz de vivenciar o diálogo com as diferenças, um autor que não temeu reconsiderar posições por ser autocrítico, um pensador que defendeu a recriação e reinvenção de seu próprio pensar, um ser humano em constante processo de descobrir e conhecer, refletir e reconhecer para melhor compreender e agir nas realidades onde viveu, amou e participou da construção de um mundo mais justo e igualitário para todos os homens. Segundo suas próprias palavras,

Antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir de meu quintal, no bairro de Casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espriar, me mundanizar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho existencial é inverso. (FREIRE, 2006, p. 25).

OS EVENTOS DECISIVOS

Muitas passagens na vida de Freire, ainda no Recife e em Jaboatão, foram decisivas pela sua opção pela educação e pela construção do seu pensamento e proposta pedagógica preocupada com as expectativas do povo. Ele mesmo destacou, na obra *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor* (FREIRE; SHOR, 2006), escrita em parceria com o educador norte-americano Ira Shor, algumas experiências fundamentais para seu exercício do pensar sobre educação em articulação com a vida concreta, com a realidade.

Nesse diálogo, abordou a experiência da fome. Após a mudança da família para Jaboatão, devido à necessidade de enfrentamento de maiores dificuldades financeiras, como reflexo da crise econômica do início da década de 30, Freire, ainda menino, enfrentou a fome. Com a perda do *status* social, conviveu, além dos colegas da classe média, com garotos da classe operária, identificando-a, por exemplo, por suas especificidades de linguagem e vestuário. Foi o seu primeiro contato de fato com o que significava classe social.

Outra experiência destacada ainda se vincula à fome, agora adolescente, quando, na escola, não conseguia prestar atenção. “A experiência me ensinou, mais uma vez, a

relação entre classe social e conhecimento”, sintetizou, esclarecendo que, quando o irmão trabalhou e a situação financeira melhorou, melhorou a alimentação e sua compreensão das leituras que fazia. Esclareceu, também, que a experiência pedagógica com adultos trabalhadores e camponeses “[...] o levou à compreensão mais radical da educação” (FREIRE; SHOR, 2006, p. 25).

Disse ainda: “Em algum momento, entre os 15 e os 23 anos, descobri o ensino como minha paixão” (FREIRE; SHOR, 2006, p. 25). E também descobriu, com pouco mais de 20 anos, aquela que se tornou sua esposa, Elza. O encontro com sua esposa, educadora, colaboradora e interlocutora de Paulo até sua morte, ocorrida em 1986, foi decisivo para que Freire se mantivesse na atuação educacional.

A esposa de Freire, dona Elza, sempre esteve ao seu lado em inúmeras experiências educacionais, com um olhar complexo e estimulador à sua obra. Em vários depoimentos, Freire situou a importância de Elza na sua vida e na sua obra pedagógica.

A ATITUDE DIALÓGICA NA CONVIVÊNCIA, EM MEIO ÀS DIFICULDADES

A alfabetização de Freire aconteceu em família, pelos pais, no quintal de casa e ao ar livre, já com as explicações conectadas com as experiências do mundo. Vindo do mundo.

Sua formação familiar, humana e religiosa, colaborou para o respeito ao pensamento não linear, à tolerância, fundamentais à atitude dialógica, conforme seu próprio depoimento na obra *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire* (FREIRE, 1980).

A realidade social e econômica da família de Freire, devido, também, ao fato de ter ficado órfão de pai, fizeram-no entrar tardiamente para o então curso ginásial (séries finais do ensino fundamental hoje), com mais de quinze anos, enquanto os colegas ingressavam, em geral com onze anos, tornando-o tímido e muito mais exigente para o seu desempenho cognitivo.

Ingressou na Faculdade de Direito do Recife, formando-se. Entretanto, fez opção por dedicar-se à Educação.

O DIÁLOGO COM A REALIDADE NOS PRIMEIROS PASSOS ACADÊMICOS

Na década de 50, Freire se preparou para concorrer à vaga de professor de História e Filosofia da Educação, onde já atuava, na Escola de Belas-Artes da Universidade do Recife. Como requisito do concurso, redigiu a tese *Educação e Atualidade Brasileira* (FREIRE, 1959), na qual apresentou suas preocupações, suas concepções e seu pensamento acerca da realidade educacional brasileira.

Freire ficou em segundo lugar, classificando-se, em primeiro, a professora Maria do Carmo Tavares de Miranda, com sua tese *Pedagogia do tempo e da História*, que tinha como temática a contribuição da cultura hebraica para a construção de uma teoria da formação humana.

A tese de Freire deu início à sistematização de suas ideias, no documento que se converteria no ponto de partida para sua obra.

Em decorrência desse concurso, Freire foi diplomado com o grau de Doutor e, no ano seguinte, 1960, foi efetivado na Universidade do Recife.

Nesse período, pôde investir em ações concretas no Movimento de Cultura Popular (MCP) e em um compromisso no Serviço de Extensão e da Rádio da mesma Universidade.

FREIRE “NASCEU” EM ANGICOS: A EMANCIPAÇÃO PELO ALFABETO

A epistemologia freiriana ou sua teoria do conhecimento deve ser entendida na sua complexidade, tendo como fundo a realidade do nordeste brasileiro, onde, no início da década de 1960, quase quinze milhões de habitantes viviam na “cultura do silêncio”, como Freire dizia, isto é, eram analfabetos.

Para Gadotti (1996), era preciso “dar-lhes a palavra” para que “transitassem” para a participação na construção de um Brasil que fosse dono de seu próprio destino e que superasse o colonialismo.

Na cidade de Angicos (RN), iniciou-se, na prática, o trabalho freiriano, em 1963, onde aproximadamente 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias.

Nesse período, Freire foi convidado pelo Presidente João Goulart e pelo Ministro da Educação, Paulo de Tarso C. Santos, para estruturar, numa ação reflexiva, a alfabetização de adultos em âmbito nacional.



Em 1964, estava prevista a instalação de 20 mil círculos de cultura para dois milhões de analfabetos. Dessa prática, seu trabalho foi reconhecido no país e no exterior, tendo como premissa o diálogo, mediado pelo mundo, pelo entorno social, pela realidade do educando.

Diante desse contexto, destacam-se alguns materiais relativos aos primeiros tempos, relacionados às experiências iniciais de alfabetização e educação de adultos, a saber: os textos de fundamentação sobre o sistema de alfabetização, elaborados pela equipe do Serviço de Extensão Cultural (SEC) da então Universidade do Recife, publicados em *Estudos Universitários*, Revista de Cultura dessa Universidade (n. 4, abr./jun. 1963); o *dossier* das experiências de Angicos e de Brasília, ambas realizadas em 1963, e o Programa Nacional de Alfabetização (PNA), iniciado nos primeiros meses de 1964, na Baixada Fluminense, e suspenso pelo golpe militar, a partir de 31 de março do mesmo ano.

Osmar Fávero, doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), apresenta, de forma muito didática, esse tempo em: *Paulo Freire: primeiros tempos*, reproduzido do livro *Paulo Freire: a práxis político-pedagógica do educador*, organizado por Silvana Ventorim, Marlene de Fátima C. Pires e Edna Castro de Oliveira (2000).

A concepção de Freire sobre a educação de adultos está contida em seu livro *Educação como Prática da Liberdade* (FREIRE, 1965), que traz em apêndice a explicação das fichas de cultura e do processo de alfabetização propriamente dito.

Carlos Lyra (1996) descreveu o trabalho em Angicos, em seu diário, publicado sob o título *as quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*. Em outra perspectiva, a experiência foi também historiada por Calazans Fernandes e Antônia Terra (1994).

A repercussão da experiência de Angicos foi enorme, principalmente por se tratar de um trabalho revolucionário de alfabetização de adultos, apresentando conteúdos significativos e politicamente situados.

Tal experiência mobilizou trabalhos semelhantes em todo o Brasil, numa verdadeira escalada, dando origem ao Plano Nacional de Alfabetização (PNA), proposto pelo MEC. Sob coordenação de Paulo Freire e aplicando seu método, deveriam ser alfabetizados cinco milhões de jovens e adultos, em dois anos.



O Plano Nacional de Alfabetização, no contexto dos tempos da ditadura, em 1964, foi deixado de lado, experiência essa iniciada na Baixada Fluminense. Registra-se, ainda, que o mesmo projeto, em Sergipe, não chegou a ser iniciado.

O projeto na Baixada Fluminense, em relação à elaboração das fichas para a alfabetização, teve participação efetiva do ceramista Francisco Brennand, artista do Recife.

Há um farto material sobre esse recorte histórico de Freire, escrito por Celso de Rui Beisiegel (1974), em *Estado e educação popular*. Vanilda Pereira Paiva, em *História da educação popular no Brasil* (2003), narra com detalhes a montagem do PNA e, em *Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista* (1980), também explora, sob uma perspectiva crítica, estes primeiros tempos.

Paulo Freire teve reconhecimento (inter)nacional, através de suas ações e de seu pensamento pedagógico, que estão presentes em inúmeras dissertações, teses e livros, bem como presentes em diversos eventos acadêmicos.

Paulo Freire foi um dos maiores educadores do século XX, que permaneceu fiel à educação, mesmo no exílio, o que reforçou sua vontade de *admirar* e refletir sobre suas experiências brasileiras, além de ampliá-las e ressignificá-las em outras experiências que desenvolveria fora do país.

A EXPERIÊNCIA DO ANTIDIÁLOGO: O ANDARILHO

Os anos de chumbo, a partir de 1964, trouxeram grandes mudanças na vida de Paulo Freire. Novos rumos foram tomados. Freire foi preso, respondeu a inquérito da Universidade de Recife, foi declarado contra o governo, porque acreditavam que Freire estava incitando o Nordeste, por meio de seu processo de alfabetização.

Declarado subversivo junto aos pobres e, novamente, arriscando ser preso, foi orientado, pelo então amigo Tristão de Ataíde (Alceu de Amoroso Lima), a buscar abrigo político na Embaixada da Bolívia. Assim o fez, buscando asilo na Bolívia, para onde se dirigiu em outubro de 1964. Freire estava sem família e não tinha passaporte. Nesse país, permaneceu por cerca de setenta dias.

Em La Paz, ficou pouco tempo, entretanto bem acolhido. Em seguida, retirou-se para a segunda etapa de seu exílio, o Chile. Começou a ser um *andarilho*, como mais tarde se autodenominou.



De acordo com o Instituto Paulo Freire, nesse último país, viveu entre novembro de 1964 e abril de 1969 e trabalhou como assessor do Instituto de Desarrollo Agropecuario (INDAP), como consultor especial do Instituto de Capacitación y Investigación en Reforma Agrária (ICIRA), e no próprio Ministério da Educação.

A experiência chilena junto aos camponeses e aos técnicos foi de fundamental importância na construção das obras *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 1987) e *Extensão ou Comunicação?* (FREIRE, 1975). A primeira foi publicada nos Estados Unidos da América e a segunda no Chile.

No Chile, Freire recebeu o convite para ensinar nos Estados Unidos da América, na Universidade de Harvard, como professor convidado, e para trabalhar como consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas (CMI).

A instabilidade política no Chile, bem como das autoridades chilenas, impulsionou Freire para outra jornada, como se fosse obrigado a exilar-se novamente, principalmente quando foi denunciado como pessoa contrária ao povo chileno, pela autoria do livro *Pedagogia do Oprimido*. Após o esclarecimento da inverdade da denúncia, Freire percebeu que já tinha contribuído com o Chile e era hora de aceitar outros convites.

Aceitou a dois convites: o primeiro entre o período de abril de 1969 e fevereiro de 1970, quando foi com Elza e os dois filhos homens para os Estados Unidos; e o segundo quando seguiu para Genebra, na Suíça, convicto de que o CMI lhe proporcionaria experiências que nenhuma outra universidade poderia lhe dar. Afirmou: “[...] no Conselho Mundial de Igrejas, a partir dele, eu teria gradativamente o mundo como objeto e sujeito da aprendizagem. Eu iria ensinar e iria aprender.” (FREIRE; GUIMARÃES, 2002, p. 90 – 91).

Tendo como ação e referência o trabalho no CMI, Freire visitou e atuou em alguns países da Ásia e Oceania. Com exceção do Brasil, esteve na América também. Os países africanos foram especiais para Freire: Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe. Nesses países, desenvolveu sua pedagogia libertadora, que o tornaria ainda mais conhecido e reconhecido como o *Pedagogo dos Oprimidos*.

Livros como a *Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos* (FREIRE, 1981) e *Cartas à Guiné-Bissau – relato de uma experiência* (FREIRE, 1984) são, na maioria, fruto dessas vivências e discussões, obtidas e realizadas com as populações e seus novos dirigentes, com educadores do povo e com interlocutores do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e do Instituto de Ação Cultural (IDAC), fundado em 1971 por ele e outros intelectuais

que com ele conviviam e dialogavam. Freire conheceu o continente africano em 1971, visitando a Zâmbia e a Tanzânia.

Afirmou que, ao pisar a Pátria Negra, sentiu-se como se estivesse voltando para a sua própria terra e declarou incontáveis vezes sua paixão pela África, o que provou ao dizer:

Devido à África, rejeitei até hoje uma série de convites que recebi, e que continuo recebendo, de universidades não europeias — europeias, umas duas somente — mas norte-americanas e canadenses, para ficar com eles, em paz. Eu prefiro ficar na minha luta pela África. (FREIRE; GUIMARÃES, 2002, p. 57).

Apresentou suas concepções educacionais na Universidade de Genebra até o regresso ao Brasil, primeiro em agosto de 1979 e concretizado definitivamente em junho de 1980. Enquanto brasileiro apaixonado, o desejo de reaprender seu país o fez não aceitar a proposta do governo suíço de lhe proporcionar residência fixa, credenciais e garantias pessoais que lhe permitissem viajar para onde desejasse.

São Paulo abriu seus braços para recebê-lo em uma fase ainda difícil da política brasileira, apesar de já se vislumbrar o processo de redemocratização. Recebeu o convite da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC)¹ e, mesmo com a burocratização da gestão da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), tornou-se também seu professor até o final de 1990. Nesse período, especificamente em outubro de 1986, Freire vivenciou a experiência da viuvez, com a morte de Elza, sua primeira esposa, com quem, afirmou várias vezes, sempre viveu em permanente *namoro*.

Reaprendeu o Brasil, viajando, conversando com pensadores locais e dialogando com educadores de fora do país, chegando a compor cinco livros *dialógicos*², atendendo a convites de seminários, palestras, escrevendo, discutindo suas ideias com pós-graduandos, participando da discussão política, até receber o convite para assumir a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, no governo petista de Luiza Erundina de Sousa. Julgou ser um dever cívico e político aceitar o convite, além de ser uma forma de responder ao carinho do povo de São Paulo, quando da sua volta do exílio.

¹ Prof. Marcos A. Lorieri (UNINOVE) relata que Paulo Freire foi recebido no TUCA (Teatro da Universidade Católica de São Paulo) em sessão solene presidida pelo Vice-reitor, à época, Prof. Dr. Antonio Joaquim Severino. Centenas de pessoas lá estavam e ouviram emocionadas seu discurso de retorno ao Brasil.

² *Aprendendo com sua própria história*, v. II, de Paulo Freire e Sérgio Guimarães (2009). *Essa escola chamada vida*, de Paulo Freire e Frei Betto (1998); *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*, de Paulo Freire e Ira Shor (2006). *Por uma Pedagogia da Pergunta*, de Paulo Freire e Antonio Faundez (2002); e *Pedagogia, Diálogo e Conflito*, de Paulo Freire, Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães (1995).

Na Secretaria, atuou entre janeiro de 1989 até maio de 1991, quando decidiu afastar-se para fazer algo que sentia necessidade de fazer: escrever. Fruto desta sua decisão, temos os livros: *Política e Educação* (FREIRE, 2014), *A Educação na Cidade* (obra que reúne algumas entrevistas de seu tempo de secretário de educação) (FREIRE, 2000), *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1992), *Professora Sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (FREIRE, 1994b), *Cartas a Cristina* (FREIRE, 1994a) e *À sombra dessa mangueira* (FREIRE, 2006), obra na qual, além da crítica ao neoliberalismo, retoma importantes conceitos em torno da dialogicidade e do conhecimento na educação libertadora.

Sua experiência à frente da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo foi marcada por uma gestão democrática, colegiada e de diálogo, capaz de ouvir a todos os segmentos envolvidos, pela luta por melhores condições de trabalho e estrutura da escola, pela reorientação curricular visando atender aos interesses dos educandos, pela preocupação com a formação continuada dos docentes e de todos os agentes presentes no espaço escolar, pela transparência e pela ousadia. Era preciso, explicou Freire, mudar a cara da escola, mas isso só pela própria fala da escola, de sua atuação através de seus sujeitos, e não como objeto a receber imposições de cima para baixo.

Essa complexidade de ações e reflexões, pelo seu dinamismo e dialeticidade, oportunizou ao educador em estudo a criação de uma teoria da educação, repleta de experiências concretas e múltiplas, que se oferece aos estudiosos para novas experiências e novas teorizações, principalmente, quando nos referimos ao *ato pedagógico como ato dialógico*.

Freire afirmou que qualquer consideração que trate da educação como fenômeno social remete-nos a uma análise sobre a ontologia, ainda que sumária. O homem é, portanto, o ponto de partida do pensamento freiriano, situando-o em suas relações com o mundo, com destaque para suas relações cognitivas.

Portanto, o pensamento de Freire identifica o homem como um *corpo consciente*, isto é, um ser capaz de saber-se no mundo, observando-o, interagindo e sentindo-o. É ainda o ser que pode se reconhecer no outro, o seu semelhante, mas dele diferenciar-se.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciando, refletindo e escrevendo sobre a sua própria realidade existencial e prática pedagógica, Freire apresentou, como a problemática central de seu pensamento e

obra, a sociedade excludente, desumana e desumanizadora, na qual nasceu, viveu, interagiu com outros seres humanos, lutou, sofreu, foi reprimido, exilado, mas que denunciou em seus livros e atitudes, na defesa e anúncio da possibilidade de uma nova sociedade, com menos desigualdades e injustiças sociais, mais democrática e comprometida com as realizações humanas de seus cidadãos.

Na sua denúncia, Freire apresentou primeiramente as condições vivenciadas pelo homem em sua situação de oprimido, impossibilitado de dizer a sua palavra, *proibido de ser mais*, ou seja, de realizar a sua própria humanidade, através de sua atuação como sujeito, pelo caminho da educação. Denunciou, ainda, que a educação havia se tornado instrumento de exclusão social e domesticação, pelos opressores e elites, para a preservação das situações de dominação, consideradas pelos seus promotores como *naturais e inevitáveis*.

Freire, na década de 50 e início dos anos 60, percebeu a sociedade brasileira como uma *sociedade em transição*, ou seja, uma sociedade na qual sua base não mais atendia às necessidades da maioria da população. Na concepção de Freire, a educação deveria ser um instrumento favorecedor para essa democratização.

Uma educação em defesa dos direitos humanos de todos e de cada homem e mulher, uma educação libertadora, ou seja, capaz de conduzir o ser humano em seu processo de humanização. Uma educação humanista e emancipadora, capaz de romper com a domesticação e a opressão, a manipulação e a exclusão. Foi nesse contexto que Freire construiu, ao longo de sua vida, um pensamento educacional a favor dos oprimidos, os vitimados pelos variados mecanismos de dominação e injustiças sociais.

Sua pedagogia, então, além de uma reflexão sobre o ato pedagógico, apresenta uma crítica à produção e socialização do conhecimento de forma mecânica, bancária. Sua teoria da educação é perpassada por uma teoria do conhecimento de base antropológica.

O que Freire propõe é uma educação na qual educador e educandos sejam sujeitos da ação pedagógica, ambos críticos, e que essa situação se dê através da problematização, onde o professor exercita o pensar criticamente e é nela que ocorre o verdadeiro diálogo.

Só uma educação problematizadora e dialógica, de acordo com Freire, poderia garantir uma educação humanista e emancipadora, *uma educação como ato pedagógico*, capaz de assegurar o desenvolvimento de uma consciência crítica e transformadora da realidade.



REFERÊNCIAS

- BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e educação popular**: um estudo sobre a educação de adultos. São Paulo: Pioneira, 1974.
- FERNANDES, Calazans; TERRA, Antonia. **40 horas de esperança**. O Método Paulo Freire: política e pedagogia na experiência de Angicos. São Paulo: Ática, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 2000.
- FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho D'Água, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e Outros Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994a.
- FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: relatos de uma experiência em processo. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1965.
- FREIRE, Paulo. **Educação e Atualidade Brasileira**. 1959. Tese (Concurso para a Cadeira de História e Filosofia da Educação) – Escola de Belas Artes de Pernambuco, Recife, 1959.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 2. ed. Tradução de Rosiska Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Organização de Ana Maria Araújo Freire. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Professora Sim, Tia Não**: cartas a quem ousa ensinar. 5. ed. São Paulo: Olho D'Água, 1994b.
- FREIRE, Paulo; BETTO, Frei. **Essa escola chamada vida**. 9. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Revisão técnica e tradução do texto de Antonio Faundez e Heitor Ferreira da Costa. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.



FREIRE, Paulo; GADOTTI, Moacir; GUIMARÃES, Sérgio. **Pedagogia, Diálogo e Conflito**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com sua própria história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com sua própria história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. v. 2.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. 11. ed. Tradução de Adriana Lopez. Revisão Técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF: UNESCO, 1996.

LYRA, Carlos. **As quarenta horas de Angicos**: uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.

PAIVA, Vanilda Pereira. **História da educação popular no Brasil**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Paulo Freire e o nacionalismo-desenvolvimentista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Fortaleza: Ed. UFC, 1980.

VENTORIM, Silvana; PIRES, Marlene de Fátima C.; OLIVEIRA, Edna Castro de. **Paulo Freire**: a práxis político-pedagógica do educador. Vitória: EdUFES, 2000.